

ESTRUTURAÇÃO
DO UNIVERSO
LINGÜÍSTICO

Ignacio
Assis
Silva

*1. Para uma
hierarquização
de critérios
na descrição
lingüística*

A denúncia da mistura de critérios morfológicos com critérios sintáticos e semânticos é um mérito que deve ser creditado à Lingüística Estrutural. Contudo, não padece dúvida de que tais critérios devam e possam ser utilizados na descrição lingüística. O que é preciso, porém, é assinalar-lhes uma função e um momento precisos na caminhada descritiva, hierarquizá-los, enfim. Isto porquequalquer análise lingüística só se pode dizer teoricamente válida quando apoiada na unidade mínima, ou seja, naquela além da qual se toma impossível qualquer nova decomposição. Pelo que sabemos das últimas conquistas da Semântica, tal papel cabe, no que respeita ao conteúdo, à estrutura sêmica, ponto de partida para o engendramento do semema que, em instâncias ulteriores, vai associar-se a entidades analogamente formadas no plano da expressão para compor o signo, último degrau da escala formalizadora e elo primeiro da cadeia discursiva. Como, nas línguas-objeto, tudo se coloca em termos de relacionamento entre unidades diversamente dimensionadas e cada unidade só cobra valor quando integrada à unidade imediatamente superior, a aplicação inicial de qualquer outro critério, seja ele morfológico ou sintático, peca precisamente por forçar a análise, queimando as etapas ou atacando-as de ângulo incorreto e impedindo, dessa maneira, que a luz se faça sobre a totalidade do problema. Nosso ponto de vista é que a ordenação dos critérios a serem empregados na descrição lingüística se faz mediante uma teoria que, partindo das categorias sêmicas resultantes da articulação de um determinado subdomínio semântico na instância profunda do universo significativo que é uma lífeua, procure estabelecer as combinatórias sucessivas que permitam ascender à instância de realização. Em vez de sintático ou sintático-semântico, tal enfoque será sobretudo semântico-sintático.

Apesar do mérito da denúncia, observamos que os estudos lingüísticos, até princípios dos anos sessenta, se acham dominados, de um modo geral, pela preocupação explícita em conduzir a análise a partir do significante. Tal preocupação é marcante sobretudo na lingüística americana de inspiração bloomfieldiana. Pelo fato de se caracterizarem como abordagem preocupadas mais com a manifestação das estruturas lingüísticas do que propriamente com as estruturas, podemos rotulá-las como análises de signos e situá-las num ângulo oposto ao dos princípios recomendados pela Lingüística Contemporânea. Com efeito, os estudos lingüísticos atuais, principalmente a partir de Chomsky (1965) e Greimas (1966), insistem na necessidade de distinguir, no estudo das línguas-objeto, entre **modo de existência e modo de manifestação das entidades lingüísticas**.

As análises de signos estão voltadas, de um modo geral, para o

*2. Análises
de signos vs.
análises de
estruturas*

que Greimas chama de termos-objetos, quando, de acordo com as orientações propostas atualmente pela Filosofia da Ciência, uma investigação que se pretenda científica não deve tomar como meta principal os termos-objetos, mas, sim, a sua natureza relacional, ou melhor, as relações definidoras de seu modo de existência. Esta postura voltada, não para o signo, mas para as dimensões relacionais que o cõmpõem^{estriba-se}, em grande parte, no princípio epistemológico de que um objeto só tem existência em razão das relações que esse mesmo objeto tem com os outros; descrevê-lo é, pois, descrever as relações que o compõem^{Greimas (1973, aulidéTIOT-73)}, ao definir as condições sob as quais aparece a significação, desdobrou este princípio em três postulados. Ei-los:

1 - Todo objeto só é cognoscível pelas determinações que admite e nunca o V em si é uma tomada de posição fenomenológica. É possível que exista um suporte, mas nada sabemos a respeito. Nossas possibilidades de conhecer os objetos estão limitados às determinações desses objetos. Insisto nesta tomada de posição porque ela me parece capital, sobretudo quando se trata da análise poética.

2 — Tais determinações não podem ser apreendidas senão como diferenças que se projetam sobre o objeto. São esses traços diferenciais que conferem ao objeto o que estamos chamando de valor **lingüístico** (falo em primeiro lugar de valor no sentido lingüístico: as palavras não têm sentido; apreendemos apenas os valores diferenciais).

3 — Mesmo sendo incognoscível enquanto objeto, este é pressuposto pela operação do valor; trata-se, como vêm, de novo do famoso problema do suporte; mas este é definido apenas pela pressuposição lógica.

A admissão destes três postulados—cuja redação foi por nós adaptada—leva Greimas a conceber o objeto como qualquer espécie de espaço de fixação, um lugar onde se dá a reunião ocorrendo das determinações que ele interpreta, inspirando-se em Saussure, como **valores lingüísticos**.

3. A língua como forma entre duas substâncias

A aplicação, em Lingüística, deste ponto de vista conduz à concepção da língua como um sistema semiótico constituído por uma relação de **solidariedade** (cf. Hjemslev, 1959, p. 45) entre dois planos—o do conteúdo e o da expressão—em cada um dos quais se deve distinguir entre modo de existência e modo de manifestação das entidades componentes. Assim concebida, a língua se organiza segundo uma tríplice estruturação que vai das estru-

ras profundas, passando pelas estruturas de superfície, até as estruturas do universo manifestado.

O ponto de partida desta concepção da língua é ainda a concepção saussureana, mas na versão dada por Hjelmslev. A idéia dominante em toda a teoria hjelmsleviana é a de que a língua resulta do encontro de duas sistemáticas: a sistemática (ou forma) do conteúdo e a sistemática (ou forma) da expressão. De acordo com Hjelmslev (1959, p. 45), o conteúdo, para se constituir em forma, necessita da ação formadora da forma da expressão e a expressão, para **formar-se**, necessita da ação formadora da forma do conteúdo. É esta convicção que o leva (1959, p. 36) a definir a língua como *une forme spécifique organisée entre deux substances*. Por outras palavras, o conteúdo só se conforma, isto é, constitui-se em **forma**, na medida em que é submetido a uma espécie de **recorte** classificatório, a um crivo cultural: a conformação, ou melhor, a **formação** do conteúdo só se configura na medida em que este é **articulado**, ou mais precisamente, **estruturado**. É dessa articulação, dessa estruturação, que nasce a forma do conteúdo. O mesmo sucede com a expressão.

Entendida como forma específica entre duas substâncias, a língua surge, de um lado, como o resultado da atividade formante, articulante, estruturante enfim, e, de outro, como um dos fatores que condicionam a percepção estruturante; de um lado, ela aparece como a organização dos fenômenos extralingüísticos num sistema de formas lingüísticas, como o resultado da codificação de experiências; de outro, ela é um instrumento da análise das experiências.

Como as experiências são percebidas sob a forma de configurações estáveis que resultam da ação conjugada da fisiologia e de padrões convencionais sobre os estímulos recebidos, a *visão* do mundo dos objetos (entendendo-se por mundo dos *objetos*, em sentido lato, o mundo exterior com suas coisas e fenômenos e o nosso mundo íntimo de sensações, volições e idéias—o **Ge-genständ** de E. Cassirer, conforme lembra Mattoso Câmara Jr. (1964, p.91) se dá, não de um modo contínuo, mas fragmentado, quantizado e nos aparece, sobretudo, como organização de reações discriminativas. Com efeito, a discriminação—processo comum a toda percepção—leva-nos a perceber as experiências segundo certos parâmetros perceptuais que são uma redução dos parâmetros físicos dos estímulos recebidos. As dimensões físicas desses estímulos são transformadas em dimensões psicológicas mediante um jogo de oposições entre estimulações recebidas e a identificação das mesmas. Esta transformação dos elementos da experiência e a sua organização em códigos (sistemas) se faz

4. A estruturação lingüística do mundo dos “objetos”

mediante um completo e lento processo de internalização, isto é, mediante observações sucessivas de um dado fenômeno que focalizam e isolam, como lembra muito bem Alfred Kuhn (1962, pp. 130 e seg.), os elementos comuns a todos os espécimes e relegam para um plano secundário os elementos não comuns; por outras palavras, a codificação(sistematização) se faz aplicando a discriminação entre elementos pertinentes e não-pertinentes.

Quando compararmos os elementos da experiência, estamos procurando estabelecer as diferenças entre os mesmos; é graças à percepção dessas diferenças que *le mond prend forme devant nous et pour nous*, escreve Greimas (1966, p. 19), quando procuramos captar diferenças entre os elementos da experiência, estamos tentando captar a relação entre os termos da comparação, estamos dando os primeiros passos para o estabelecimento da estrutura, ou por outras palavras, para o estabelecimento da própria condição da significação (Cf. Greimas, 1966, p. 19). Percepção e significação são indissociáveis: percepção é reação discriminativa entre estímulos; discriminação implica relacionamento entre os elementos comparados, e o relacionamento é a fonte e a condição da significação.

Mas, para que a discriminação possa levar à constituição de um **padrão perceptivo**, é necessário que ela seja recorrente, pois é a **recorrência** que se revela como primeiro passo para a descoberta da ordem e, por conseguinte, da significação, vale dizer, da estruturação do mundo dos *objetos*, da *cosmificação*, no sentido em que os gregos entendiam a palavra *kósmos*. *If an object-escreve Miller-did not appear similar to itself, if recurrences of an event did not seem the same, if members of a class bore no resemblance to one another, if relations could never be seen as alike, in short, if every event was new and unfamiliar, the commonplace stability of the perceptual universe could never be constructed out of the raw material of our experience and the world would necessarily remain a blooming, buzzing confusion. The first step toward discovering order and meaning is to recognise that something we have experienced before is now occurring again,* (apud Malmberg, 1963, p. 67).

5. A percepção como mediatrix entre o mundo dos "objetos" e o mundo das significações

A percepção, no entanto, não é a significação, mas a mediatrix entre o mundo dos *objetos* e o mundo das significações; ela é, como quer Greimas (1966, p. 8), *le lieu non linguistique ou se situe l'apprehension de la signification*. A significação existe somente enquanto percepção codificada. Há interdependência entre estes três elementos: mundo dos *objetos*, percepção e código. As dimensões físicas do estímulo condicionam a constituição do padrão perceptivo que, por sua vez, condiciona a estruturação do código;

por outro lado, o código condiciona a percepção dos estímulos físicos. No que diz respeito à língua, esta diz ao destinador como analisar a experiência, impõe-lhe certo *modus vivendi* da experiência; por outras palavras, a experiência, afora o substrato comum aos padrões humanos de percepção, é vista sob a ótica do padrão lingüístico nativo do destinador. *Na realidade-escreve* A. Martinet— (1970, p. 9)- *cada língua organiza à sua maneira os dados da experiência, e por isso aprender uma língua nova não consiste em colocar novos rótulos em coisas conhecidas, mas sim em habituarmo-nos a analisar doutr modo os objetos das comunicações lingüísticas.* Greimas (1970, p.24) conseguiu sintetizar de modo bastante claro esta relação entre o código (a língua) e o mundo dos objetos: *Le fait est que la dénomination des objets, à l'intérieur d'une langue donnée, ne se fait pas uniquement en fonction du référent qu'est le monde extérieur, mais aussi et surtout en raison de son découpage classificatoire: une sémiotique implicite s'est déjà chargée de la catégorisation et de l'analyse du lopin du monde qu'elle recouvre.* Foi para dar conta desta dupla coerção na relação código-mundo que Greimas propôs (1966) se distinguissem dois níveis no plano do conteúdo: um **nível semântico** e um **nível semiológico**. Atualmente Greimas (1973, aula de 11-07-1973) se declara propenso a substituir a «expressão **nível semiológico** por **nível figurativo**. A sua justificação para a mudança de terminología é que, tomando o universo significativo do ponto de vista do *leitor do mundo*, observa-se a existência, além dos semas que configuram o nível semântico, de semas que encontram correlatos no mundo exterior (como por exemplo, os semas que diferenciam os lexemas **grande** vs. **pequeno**, **alto** vs. **baixo**, **quadrado** vs. **redondo**, **reto** vs. **curvo**). Ao nível de urna semiótica não-lingüística, encontramos esses semas não como *significados* mas como *significantes*. Isto quer dizer-continua Greimas—que o mundo exterior na medida em que signifique alguma coisa, no-la significa mediante uma articulação visual, olfativa, etc. Assim, tomando o referente o que Greimas chama de referente é urna semiótica não-lingüística, vê-se que os significantes do referente são reencontrados na língua natural sob a forma de significados. Há, por assim dizer, uma mediação: o significante que está em tomo de mim passa pelo cérebro e sai novamente sob a forma de significado. Na relação mundo-pensamento, o cérebro funciona como um mediador, transformando significantes em significados. Após insistir na importância de distinguir entre categorias sémicas que se definem, por assim dizer, como interiores ao falante, e outras para as quais é possível estabelecer correlações existentes fora do falante, ou mais precisamente, entre categorias interoceptivas e categorias exteroceptivas, Geeimas se decide a denominar as segundas pela expressão **nível figurativo**, cuja função é articular, transformar o mundo exterior em significação; quanto ao conjunto das categorias interoceptivas, continua denominando-o pela expressão **nível semântico**, embora se declare insatisfeito com o termo semântico.

tico, porque está sendo usado em sentido restrito.

6. Paralelismo entre expressão e conteúdo

A concepção da língua como urna forma organizada entre duas substâncias permite à descrição lingüística postular um certo paralelismo entre os modos de articulação da expressão e do conteúdo. Esse paralelismo é a principal (senão a única) brecha por onde se pode chegar a uma idéia aproximativa do modo de existência das entidades que compõem o plano do conteúdo. Partindo das modernas teorias fonológicas que descrevem as estruturas fonêmicas como articulações do universo fônico em um número reduzido de categorias de traços distintivos (de categorias fêmicas), é possível conceber a estrutura do universo semântico como uma articulação desse universo em categorias distintivas (em categorias semânticas).

É ainda a admissão desse paralelismo que nos autoriza a descrever o processo engendrador dos sememas como semelhante ao processo de geração dos fememas: assim como um número reduzido de categorias fêmicas (ou merismáticas como prefere dizer Benveniste) permite gerar, teoricamente, quatro mil e noventa e seis fememas diferentes (cf. Cherry, 1970, p.96), também um número relativamente pequeno de categorias sêmicas—Guiraud (1965) supõe basicamente trinta e dois semas que formam dezesseis dissemas, a partir dos quais se formam as combinações ulteriores—pode gerar, com o auxílio de uma combinatória, um elevadíssimo número de unidades semânticas mais amplas, os sememas (cf. Greimas, 1970, p. 40). Assim como no plano da expressão, o fem^ traço fônico distintivo; merisma para Benveniste) é o componente elementar que permite a construção de toda a **forma da expressão** de uma língua, no plano do conteúdo, o **sema** (traço semântico distintivo) também é o componente fundamental de cuja combinatória resultará a **forma do conteúdo** dessa língua. Assumir esta posição leva-nos a deslocar o procedimento analítico, do nível da análise de signos para o nível da análise dos componentes profundos do signo.

7. Nível imánente e nível aparente

A primeira consequência da introdução da oposição entre **modo de existência e modo de manifestação** no procedimento de análise é a necessidade de reconhecer dois grandes níveis no universo significativo que é uma língua:

(1)—um **nível imánente** ou **gramática profunda** que define o modo de existência das entidades lingüísticas; nesse nível estão não apenas os princípios que organizam o universo lingüístico em categorias (fêmicas para o plano

da expressão, sêmicas para o plano do conteúdo) mas também as regras que instituem uma combinatória apta a produzir unidades mais amplas(fememas e diagramas femênicos no plano da expressão, sememas e diagramas semémicos no plano do conteúdo);

(2)—um **nível aparente** ou **gramática de superfície**, onde; numa primeira etapa, se dá a união das entidades constituídas pela combinatória (ou combinatórias) efetuada(s) na expressão e no conteúdo e, numa segunda etapa, a atualização da entidade resultante dessa união nos atos particulares de comunicação.

A necessidade de distinguir não só entre entidade elementar e entidade complexa, mas também entre combinatória virtual e combinatória efetivamente realizada conduz-nos a propor a distinção, em cada um dos níveis ou gramáticas, de instâncias diferentes.

O nível imanente ou gramática profunda se articula numa **instância profunda** (Greimas fala em estrutura profunda ou nível profundo;cf. 1970, p. 135 e 1972, p. 14) onde se dá a articulação, isto é, a estruturação, a formalizarão, do universo lingüístico em categorias binárias (fêmicas ou sêmicas conforme se trate do plano da expressão ou do conteúdo) e numa **instância de superfície** (equivalente à estrutura ou nível de superfície de Greimas 1970 p. 135 e 1972, p. 14) onde as unidades resultantes da articulação procedida na instância profunda são submetidas:

(a)-numa primeira etapa, a uma combinatória de natureza hipotática (ver mais adiante) que engendra unidades de natureza configurativa (e não meras unidades-coleções, ver mais adiante), ou mais especificamente, que engendra fememas no plano da expressão e sememas no plano do conteúdo;

(b)—numa segunda etapa, a uma combinatória sintática que enquadra as unidades-configurações engendradas pela primeira combinatória em esquemas sintáticos elementares (diagramas ou esquemas silábicos no plano da expressão e diagramas ou esquemas semémicos no plano do conteúdo).

NOTA 1: Com referência à binariedade das categorias fêmicas e sêmicas, Greimas (1970,p. 40) se apressa em esclarecer que se trata de um princípio de construção e não de um princípio do modo de existência das mesmas. Contudo a posição por ele assumida em 1966 (p. 24) parece-nos mais clara: após afirmar a necessidade de distinguir dois tipos diferentes de captação da significação—a significação como imanência e a significação como manifesta-

ção, Griemas diz que *La structure élémentaire, considérée et décrite en soi, c'est-à-dire, en dehors de tout contexte signifiant, ne peut être que binaire, et cela non pas tellement pour des raisons théoriques non élucidées, qu'il faut renvoyer au niveau épistémologique du langage, mais du fait du consensus actuel des linguistes.*

NOTA 2: A demarcação do nível imánente aqui apresentada não coincide com o universo imánente proposto inicialmente por Greimas(1966, pp. 102-109), onde o universo imánente é considerado um conjunto de categorias sêmicas, divisível em dois subconjuntos que constituem o nível semiológico (dos semas nucleares) e o nível semântico (dos classemas) A instância de superfície por nós considerada uma das articulações do nível imánente é considerada por Greimas como universo manifestado (cf. 1966, pp. 106-107).

O nível aparente ou gramática de superfície se articula numa **instância de manifestação** (estrutura da manifestação conforme Greimas 1970, p. 136 e plano da manifestação conforme Greimas 1972, p. 14) na qual os sememas e os diagramas semêmicos *desposam* (a metáfora é de Greimas)as combinações paralelas e não isomorfas da expressão, constituindo dessa maneira entidades virtuais que permanecem em disponibilidade na língua (às quais se poderia reservar o nome de **entidades-tipo**: signo-tipo ou frase-tipo), e numa **instância de realização**, onde se dá a atualização das entidades constituídas na instância de manifestação (têm-se então as **entidades-ocorrência**: signo-ocorrência e frase-ocorrência ou enunciado).

NOTA: O nível aparente ou gramática de superfície assim visualizado não coincide com o **universo manifestado** proposto por Greimas em 1966. Em primeiro lugar, porque Greimas distingue dois tipos de manifestação: (a) uma primeira manifestação que estabelece a união de semas do nível semiológico (dos semas nucleares) com semas do nível semântico (dos classemas) para gerar o semema; (b) uma segunda manifestação que combina dois ou mais sememas por meio de um ou mais classemas. Somente após estas duas manifestações é que vem a *mise en discours* dos sememas, durante a qual estes *desposariam* as unidades correspondentes do plano da expressão. É esta *mise en discours* que constituiria segundo Greimas (1966, p. 106) a manifestação lingüística propriamente dita. Vê-se por aí que, na **Sémantique structurale**, a palavra manifestação está empregada em sentido restrito: ela cobre apenas a distância que vai do que chamamos de instância profunda à nossa instância de superfície. Esta restrição é relaxada, ao que parece, a partir de **Du Sens** (1970,

passim, especialmente pp. 136, 150-154), onde o termo manifestação designa as estruturas que produzem e organizam os significantes. Greimas não fala km nível ou instância de realização; o quadro contido em Greimas 1972,p.14 parece sugerir a identificação de manifestação com realização (Ele fala aí em fonemas **realizados**).**Consciente** destas oscilações, Greimas (1973, **Curso e Suplemento Literário de O Estado de São Paulo de 12.08.73**) procurou caracterizar melhor o percurso semiótico que culmina na construção de objetos culturais, definindo a manifestação, não como um nível estrutural, mas como *uma instância de produção em que, reintegrado o significante no significado, a significação se dá ao homem com seu suporte material, e se acha de qualquer modo realizada*. Esta redefinição possibilitou-lhe introduzir nas *estruturas de manifestação* um nível a que ela chamou de **manifestação figurativa** e que corresponde ao que estamos chamando de **instância de manifestação** por oposição à **instância de realização**.

1. instância profunda: formada por uma hierarquia de categorias fêmicas resultantes das articulações sucessivas do universo fônico em femas; estes são de natureza opositiva, mas já contém virtualidades combinatórias.

2. instância de superfície: formada por

(a) **fememas:** são configurações resultantes de uma combinação por relacionamento hipotético entre femas; o relacionamento hipotático é que faz com que os fememas sejam configurações e não simples coleções de femas; o arranjo interno dos femas componentes é hierarquizado; por isso não se pode dizer que os fememas sejam feixes ou conjuntos de femas; os termos feixe e conjunto não implicam hierarquização;

(b) **diagramas fêmicos** (ou esquemas silábicos) resultantes de uma combinatória sintática entre fememas.

NOTA 1: Estamos empregando o termo **diagrama** no sentido de *ícone de relações inteligíveis* proposto por Peirce. Para caracterização e exemplificação desta noção, ver R. Jakobson, 1969, pp. 105-117).

NOTA 2: A combinatória que gera os fememas privilegia o modo de existência sistemático (paradigmático), ao passo que a combinatória de fememas privilegia o modo de existência sintagmático, ou melhor, explicita o

8. Entidades componentes do plano da expressão
8.1. - Nível imanente ou gramática profunda

*8.2. - Nível
aparente ou
gramática de
superfície*

relacionamento hipotético (ver mais adiante) subjacente à organização fêmica.

1. instância de manifestação: é constituída por unidades-tipos do plano da expressão (assimiláveis às imagens acústicas saussureanas); ao mesmo tempo em que projetam **as entidades formadas na instância de superfície da gramática profunda unem-se, mediante convenções organicaüy developed over long periods of time;** (Cherry, 1957, p. 8), às entidades correspondentes mas não-isomórficas do plano do conteúdo. As entidades-tipo desta instância são as seguintes:

- (a) **fonemas** que são as manifestações normais (para o significado da palavra **normal** cf. Coseriu, 1967, p. 94) dos fômenos;
- (b) **sílabas** que são as manifestações normais dos diagramas fêmicos;
- (c) **lexemas e/ou morfemas** resultantes de uma combinatória que integra as entidades (a) e (b), constituindo assim o(s) significante(s) virtual(is) do signo.

2. instância de realização: é constituída por entidades-ocorrência; são as atualizações das entidades constituídas na instância de manifestação:

- (a) **fones ou sons da fala** que são as atualizações dos fonemas;
- (b) **lexes e/ou morfes** que são atualizações dos lexemas e/ou morfemas.

*9. Entidades
componentes
do plano
do conteúdo
9.1. - Nível
imânente ou
gramática
profunda*

A admissão do paralelismo entre expressão e conteúdo permite imaginar um precurso semelhante no plano do conteúdo.

1. instância profunda: formada por uma hierarquia de categorias sêmicas resultantes das articulações sucessivas do universo semântico em semas; estes são de natureza opositiva, mas já contém em estado virtual as potencialidades combinatórias.

NOTA: Pierre Guiraud, que admite francamente um isomorfismo entre as estruturas significantes e as estruturas significadas (cf. Guiraud, 1965, pp. 97-98), diz que os semas são orientados segundo sentidos (sentido:

direção, orientação) que constituem os valores sintagmáticos do signo; segundo ele existe uma direcionalidade implícita nos semas (cf. Guiraud, 1965, pp. 104-106).

2. **instância de superfície:** formada por

(a) **sememas:** são configurações sêmicas que resultam da combinação mediante relacionamento hipotático entre semas (ver mais adiante);

(b) **diagramas semémicos** (ou esquemas semémicos)
(Greimas fala em enunciados semânticos): são esquemas predicacionais resultantes de uma combinatória por relacionamento sintático entre sememas. São modelos imanentes colocados à nossa disposição para conceber e organizar os conteúdos, primeiramente sob sua forma semémica (cf. Greimas, 1966, p. 118).

A combinatória que produz sememas privilegia o modo de existência sistemático (paradigmático); a combinatória de sememas privilegia o modo de existência sintagmático, ou melhor, sintático. Na verdade, esta nada mais faz senão explicitar o relacionamento hipotático subjacente à organização semémica: todo semema contém em si, em estado virtual, uma direcionalidade sintática ou sentido, como quer Guiraud.

No que diz respeito ao relacionamento hipotático dos semas no interior do semema, julgamos mais acertado explicá-lo por meio de um exemplo: comparando os significados manifestados pelo lexema *cabeça*, podemos chegar à conclusão de que o denominador comum aos significados comparados se resume nos semas **extremidade+superatividade**, os quais compõem o núcleo sêmico propriamente dito de *cabeça*. Contudo, este núcleo constitui apenas a base sêmica potencial de cabeça; para manifestar-se ela tem de receber a determinação de outros semas. Assim, o sema **superatividade** terá de combinar-se com uma das articulações da categoria sêmica **dimensionalidade**, vale dizer, ou com o sema **horizontalidade** (ex. *cabeça de ponte*) ou com o sema **verticalidade** (ex. *cabeça de cachoeira*). Veja figura 1. No caso aqui representado (*cabeça de cachoeira*), estabelece-se uma nova relação de pressuposição unilateral entre **verticalidade** e **superatividade**. Esse encadeamento de pressuposições unilaterais entre uma base sêmica e um ou mais semas de categorias sêmicas diferentes constitui o que se chama um entrelaçamento de **relações hipotéticas**. É isto que nos leva a definir o semema não como um conjunto de semas, mas como uma **configuração de semas**. entendendo o termo **configura-**

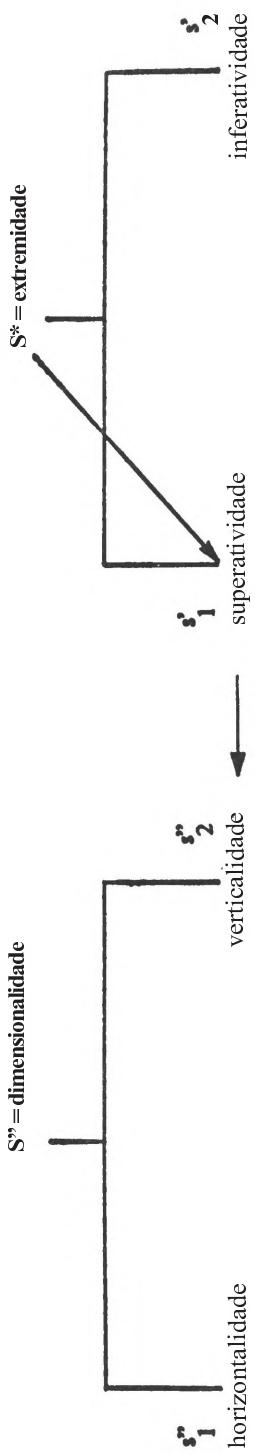


Figura 1. Relacionamento hipotético.

ção no sentido de conjunto ordenado que lhe dá U. Weinreich (1966, p. 419):
A configuration (ordered set) of features is our way of formally representing a syntactically transistjve expression in thè definition of a concepi.

1. instância de manifestação: é constituída por entidades-tipo do plano do conteúdo que, ao mesmo tempo em que projetam ou combinam entidades resultantes da instância de superfície, associam-se, mediante convenções tácitas e históricas, às entidades correspondentes do plano da expressão. A intância de manifestação aparece, assim, como a instância final da constituição da *langue*. As unidades constituídas nesta instância são unidades virtuais, aptas a se realizarem nos atos individuais de fala. São as seguintes:

(a) **significados:** são unidades resultantes da neutralização de sememas. De acordo com Heger (1969,pp. 55-56), o significado é delimitado quantitativamente pela relação de consubstancialidade quantitativa que o liga ao que ele chama de **signema** (isto é, ao lexema ou ao morfema) e pode ser analisado como a combinação disjuntiva de vários sememas.

(b) **frases:** são as formas dos sintagmas frasais, ou seja, o conjunto das regularidades combinatórias subjacentes à multiplicidade das realizações frasais (frases-ocorrência ou enunciados); são linguisticamente auto-suficientes no sentido de que, para sua decodificação, bastam os recursos fornecidos pela dupla articulação; independem dos contornos entonacionais, do contexto e da situação.

2. **instância de realização:** é constituída por entidades-ocorrência que realizam concretamente as entidades da instância de manifestação:

(a) **significados-ocorrência:** ou *effets de sens*;

(b) **enunciados:** à significação-tipo de uma frase-tipo podem corresponder muitas significações-ocorrência nos enunciados, isto é, nas múltiplas realizações da frase-tipo, dependendo dos contornos entonacionais, do contexto e da situação. R. Jakobson (1970,p. 125) menciona a proeza de um antigo ator do Teatro Stanislavski,que conseguiu tirar, numa primeira prova, quarenta e, numa segunda, cinqüenta significações diferentes da frase russa **Segodnja vecerom esta noite**. A crônica de Paulo Mendes Campos intitulada *A marquezá saiu as cinco horas* é outra boa ilustração do que acabamos de expor.

Observa-se, pois, que tanto na expressão quanto no conteúdo o

9.2. - Nivel
aparente ou
gramática de
superfície

percurso que vai da instância profunda à instância de realização corresponde ao avanço das entidades mais abstratas em direção às mais concretas; das entidades mais gerais e, por isso mesmo, numericamente reduzidas, para as mais particulares e quantitativamente ilimitadas; das constantes para as variáveis; é a caminhada que vai do fenômeno de linguagem, humano e universal, para o fenômeno de fala, individual e particular. Compare-se, a título de exemplo, a distância entre as dimensões fêmicas que levam à constituição do fomema português /r/ e as múltiplas realizações deste nos atos de fala individuais. Um dispositivo gráfico inspirado na representação visual das relações entre sistema, norma e fala, imaginada por E. Coseriu (1967, p. 95), permite visualizar o relacionamento entre as quatro instâncias que compõem os níveis imánente (ou gramática profunda) e aparente (ou gramática de superfície) de cada plano. cf. figura 2.

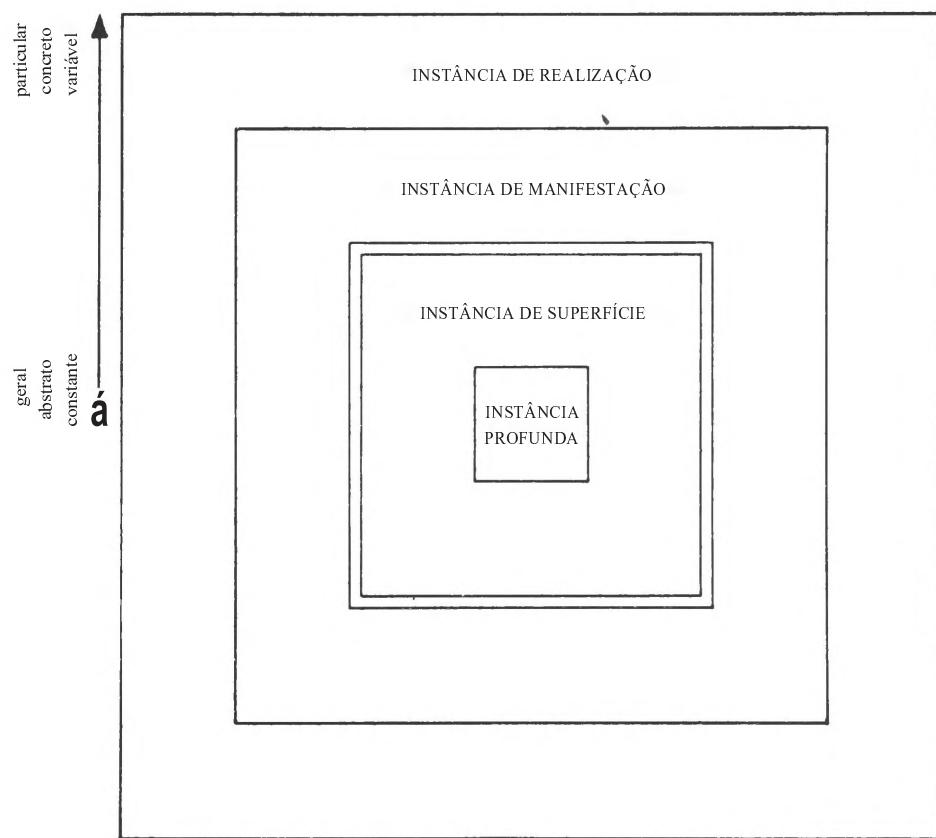


Fig. 2 As linhas duplas separam o nível imánente ou gramática profunda do nível aparente ou gramática de superfície.

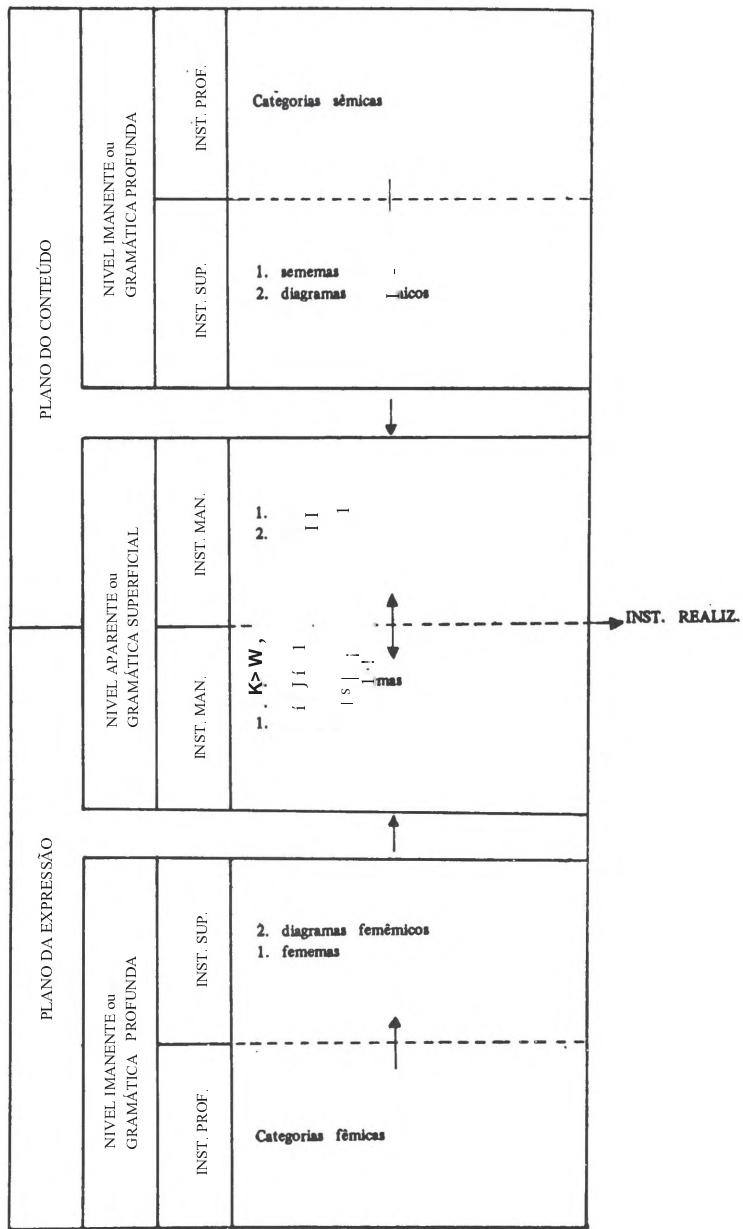


Figura 3. o movimento formalizador

9.3. - O movimento formalizador

Como, de acordo com Hjelmslev, a língua é uma forma que resulta da união por solidariedade (dupla implicação) da forma do conteúdo com a forma da expressão, podemos imaginar este movimento formalizador como a convergência das duas instâncias profundas em direção à instância de manifestação do nível aparente. Ver figura 3.

Para concluir, parece oportuno enfatizar que o modelo aqui proposto, de inspiração essencialmente mas não exclusivamente greimasiana—se enquadra muito bem dentro das diretrizes teóricas assumidas (embora diferentemente formuladas e orientadas) por outros semanticistas e lingüistas contemporâneos. Acreditamos que a maioria dos estudiosos contemporâneos poderiam subscrever, sem grandes escrúpulos, a seguinte afirmação de Saumjan (1970, p. 246): *The generation of natural languages should be preceded <> (a universal semiotic language. The rules of generation for natural languages should be formulated as rules of transition from the universal semiotic language to the concrete language desired.*

- (1) CHERRY, Collin (1957)-*On Human Communication*, Cambridge, Mass. The M.I.T. Press.
- (2) CHOMSKY, Noam A. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Mass. The M.I.T. Press.
- (3) COSERIU' Eugenio (1967) *Teoría del Lenguaje Lingüística General*, 2a. ed., Madrid, G redos.
- (4) GREIMAS, A. Julien - (1966) -*Sémantique structurale*, Paris, Larousse.
- (5) GREIMAS, A. Julien - (1970) -*Du Sens*, Paris, Seuil.
- (6) GREIMAS, A. Julien - (1972) "Pour une théorie du discours poétique" In: *Essais de sémiotique poétique*, Paris, Larousse, pp. 5-24.
- (7) GREIMAS, A. Julien (1973) "Semiótica narrativa" Curso ministrado, em julho 73, na FFCL-Barão de Maué-Ribeirão Preto-SP.
- (8) GUIRAUD, Pierre (1965) "Les structures élémentaires de la signification .In: Bulletin de la Société de Linguistique de Paris, LX, 1, pp. 97-114.
- (9) HEGER, Klaus (1969) "L'analyse sémantique du signe linguistique." In: *Langue Française* no. 4, pp. 44-65.
- (10) HJELMSLEV, Louis (1959) *Essais linguistiques. Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague XH*.
- (11) JAKOBSON, Roman (1970) -*Lingüística e Comunicação*, trad. São Paulo, Cultrix.
- (12) MALMBERG, Bertil (1963) *Structural Linguistics and Human Communication*. Heidelberg, Spring-Verlag.
- (13) MARTINET, André (1970) *Elementos de Lingüística Geral*, trad. 2a. ed. Lisboa, Sá da Costa.
- (14) MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim (1964) *Princípios de Linguística Geral*, 4a. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- (15) SAUMJAN, Sébastien K. (1970)-"Semiotics and Generative Grammars". In: Greimas, A.J. (1970)- *Sign, Language, Culture*, The Hague, Mouton, 244-255.
- (16) WEINREICH, Uriel (1966). "Explorations in Semantic Theory." In: Thomas A. Sebeok ed. (1966)- *Current Trends in Linguistics*, vol.3. The Hague, Mouton.

The study proposes that the ordering of criteria to be used in the description of the semiotic universe that comprises a language is determined by a theory which, starting with the semic categories resulting from the semantic subordinates of the deep level, attempts to establish the successive combinations that permit rising to the realization level. The study relates the opposition **immanent level** vs. **apparent level** to the opposition **deep grammar** vs. **surface grammar**. The deep grammar acts at a **deep level** (starting point of the course which produces the linguistic entities) and at a **surface level**; the surface grammar acts at a **demonstration level** (corresponding to Greimas' level of figurative manifestation) and at the realization level (the arrival point of the semiotic journey). This study stresses a semantic-syntactic focus rather than one syntactic or syntactic-semantic in nature.

D'après l'auteur, les critères employés dans la description de l'univers linguistique s'organisent selon, une théorie qui part des catégories sémiques issues de l'articulation des domaines sémantiques dans une **instance profonde** et cherche à établir les combinatoires successives pour aboutir à une **instance de réalisation**. D met en corrélation T opposition niveau immanent vs niveau apparent et l'opposition grammaire profonde vs grammaire de surface. La grammaire profonde s'articule dans une **instance profonde** — point de départ du parcours qui engendre les entités linguistiques — et dans une **instance superficielle**; la grammaire de surface s'articule dans une **instance de manifestation** (la manifestation figurative de Greimas) et dans une **instance de réalisation** — point d'arrivée du parcours sémiotique. Cet abordage n'est pas syntactico-sémantique; il se veut surtout sémantico-syntaxique.